26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

FENOMENOLOGIA CRÍTICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: LACUNAS, APROXIMAÇÕES E HORIZONTES ANALÍTICOS

CRITICAL PHENOMENOLOGY IN INFORMATION SCIENCE: *GAPS, APPROACHES AND ANALYTICAL HORIZONS*

Ricardo M. Pimenta – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A fenomenologia constitui uma das abordagens teórico-metodológicas mais mobilizadas pela Ciência da Informação brasileira, especialmente por sua capacidade de investigar a experiência informacional em sua dimensão subjetiva e intersubjetiva. Contudo, observa-se uma presença ainda reduzida e pouco sistematizada da fenomenologia crítica explicitamente identificada como tal e como horizonte analítico capaz de articular experiência, historicidade, materialidade tecnológica e relações de poder. Diante desse cenário, este trabalho tem por objetivo discutir as possibilidades de inserção da fenomenologia crítica no campo da Ciência da Informação, identificando aproximações e lacunas nos autores fenomenológicos tradicionalmente mobilizados pela área e propondo sua ampliação a partir de fundamentos críticos contemporâneos. Para isso, desenvolve-se uma pesquisa de natureza teórica e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica e análise conceitual da literatura sobre fenomenologia, pós-fenomenologia e fenomenologia crítica. Como resultado, identificou-se que a apropriação fenomenológica na área permanece majoritariamente orientada à descrição da experiência e à construção de sentido, sem incorporar de forma sistemática estruturas históricas, materiais e políticas como dimensões constitutivas da experiência informacional, conforme sugerido por consulta exploratória em bases indexadoras nacionais e internacionais. Propõe-se compreender a fenomenologia crítica não como ruptura com a tradição fenomenológica, mas como sua ampliação analítica diante das transformações sociotécnicas que atravessam os processos informacionais contemporâneos.
Palavras-chave: Fenomenologia crítica; Ciência da Informação; Experiência Informacional; Mediação Tecnológica; Epistemologia.

Abstract: Phenomenology is one of the theoretical and methodological approaches most frequently employed in Brazilian Information Science, particularly due to its ability to investigate the informational experience in its subjective and intersubjective dimensions.

However, critical phenomenology remains scarcely and unevenly incorporated as an explicitly identified analytical framework capable of articulating experience, historicity, technological materiality and power relations. Against this backdrop, this study aims to discuss the possibilities for integrating critical phenomenology into the field of Information Science, identifying similarities and gaps in the phenomenological authors traditionally drawn upon by the field and proposing its expansion based on contemporary critical foundations. To this end, a theoretical and exploratory study has been conducted, based on a literature review and conceptual analysis of the literature on phenomenology, post-phenomenology and critical phenomenology. As a result, it was found that the application of phenomenology in this field remains largely focused on the description of experience and the construction of meaning, without systematically incorporating historical, material and political structures as constitutive dimensions of informational experience, as also suggested by an exploratory search of national and international indexing databases. The aim is to understand critical phenomenology not as a break with the phenomenological tradition, but as its analytical extension in the face of the socio-technical transformations shaping contemporary information processes.
Keywords: Critical phenomenology; Information Science; Informational experience; Technological mediation; Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a Ciência da Informação (CI), área de características interdisciplinares inserida no campo da Ciências Sociais Aplicadas, comumente mobiliza autores como Martin Heidegger, Edmund Husserl, Hans-Georg Gadamer, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Alfred Schutz, Peter Berger e Thomas Luckmann, entre outros, para fundamentar reflexões que tratam da experiência informacional tanto em articulação com a construção/produção do conhecimento como em diálogos com a fenomenologia (Duarte; Caldin, 2019, p. 19).

Essa abordagem metodológica é valorizada por sua capacidade de investigar a compreensão individual e intersubjetiva da realidade, distanciando-se de perspectivas puramente objetivistas. Essa valorização advém da capacidade da fenomenologia de desvelar os fenômenos na mente dos indivíduos, o que a aproxima do paradigma social da Ciência da Informação, que considera a realidade como uma construção intersubjetiva (Gandra; Duarte, 2012).

Em adição, temos a emergência de uma pós-fenomenologia cuja perspectiva de autores como Don Ihde (1995; 2003; 2009) desloca o foco da subjetividade pura para a materialidade dos artefatos tecnológicos que atuariam

> como a materialização de um meio e não um objeto técnico que poderia agir "contra" o sujeito informacional ou até "programado" por grupos como ferramenta de controle, influência e dominação. O artefato tecnológico desempenha, nesse

> caso, uma condição de intermediário entre o sujeito informacional e o mundo. (Pimenta, 2025, p. 3).

Dessa forma, apesar da CI brasileira possuir um lastro de pesquisas em perspectiva fenomenológica relativamente consolidado, percebe-se uma presença ainda pouco sistematizada da fenomenologia crítica enquanto horizonte teórico-metodológico explicitamente reconhecido pela área capaz de trazer à baila dos estudos fenomenológicos abordagens analíticas até então não consideradas.

Estruturas de poder e dinâmicas culturais ora expressas pelas diferentes formas de "governamentalidades algorítmicas" e experiências de dataficação e plataformização da vida, ora presentes a partir das interseccionalidades possíveis que acompanham recortes socioeconômicos, de raça e gênero; ou mesmo identificadas entre outras estruturas de dominação, de violência e de exploração de linguagens, classes, corpos, memórias, ideologias e orientações. Essas vertentes não ocuparam posição central em parte significativa das apropriações metodológicas da fenomenologia, sobretudo naquelas voltadas predominantemente à descrição da experiência e à constituição de sentidos.

Hoje nos deparamos com conceitos ainda mais demandantes pela atenção de quem busca compreender muitos dos fenômenos digitais e informacionais. O "colonialismo de dados" (da Silveira et al, 2022) é um deles, assim como a "infodemia" (OMS, 2020), o "tecnofeudalismo" (Varoufakis, 2025), e consideremos: há mais a cada dia. E no rastro de grandes avanços disruptivos da nossa cultura digital e da potência computacional mundial, é necessário cada vez mais ter em conta que os fenômenos informacionais estão balizados por uma ordem mundial minimamente preocupante pautada pelas grandes *Big Techs* que "atravessam" governos, democracias, instituições, comportamentos, o Mundo do Trabalho, crenças, conhecimentos científicos, desejos e performances.

Diante desse cenário, este trabalho parte do seguinte problema: em que medida a apropriação da tradição fenomenológica pela CI brasileira tem incorporado — ou deixado de incorporar — os fundamentos da fenomenologia crítica como horizonte teórico-metodológico para análise dos fenômenos informacionais contemporâneos? Assim, objetiva discutir as possibilidades de sua inserção no campo da CI, recuperando autores tradicionalmente mobilizados pela área, identificando quando possível suas lacunas ou aproximações às contribuições contemporâneas da fenomenologia crítica que incorporam historicidade, materialidade, tecnologia e relações de poder como dimensões constitutivas da experiência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse horizonte teórico, este trabalho se apresenta como uma proposta, a partir dos estudos informacionais, de inserção da corrente da fenomenologia crítica na Ciência da Informação (CI). Mas antes é necessário deter-se sobre suas referências que nos leva a esse momento de inserção. Para tal, retomemos os autores inicialmente apresentados na introdução deste trabalho:

Edmund Husserl (2008) funda a fenomenologia transcendental. Sua contribuição se organiza em torno da intencionalidade — segundo a qual toda consciência é sempre consciência de algo —, da *epoché* e da redução fenomenológica, que suspendem pressupostos pré-concebidos, para pretensamente descrever o fenômeno em sua manifestação crua, e do conceito de "mundo-da-vida" — *Lebenswelt* —, entendido como o horizonte pré-científico no qual a existência concreta antecede qualquer formalização teórica. Na Ciência da Informação, esse legado inaugura uma possibilidade metodológica de compreender os fenômenos informacionais não como entidades objetivas e autossuficientes, mas como experiências produzidas em contextos vividos; convidando o pesquisador a suspender entendimentos

Discípulo de Husserl, Martin Heidegger (2005) radicalizou essa ruptura quando escolheu substituir a centralidade da consciência pela existência concreta do *Dasein* — o ser-no-mundo. A experiência deixa de ser concebida como relação entre sujeito e objeto e passa a ser entendida como engajamento prático, histórico e situado, ou seja, que já se encontra imerso em uma linguagem, tradição e situação que caracterizaria a condição de *Dasein*.

Já Gadamer (2015), apesar de não o considerar completamente como um fenomenólogo — e sim hermenêutico —, produziu um diálogo muito próximo com Heidegger, tendo como referência o conceito de *fusão de horizontes — Horizontverschmelzung.* Para ele, a compreensão não viria necessariamente pela aplicação de um método neutro — se é que isso seria factível. Mas sim de compreender o processo constitutivo da experiência atrelada ao reconhecimento da alteridade. Ela representaria o encontro entre o horizonte do intérprete e o horizonte do texto/outro; introduzindo uma historicidade radical a partir da qual faz-se necessário reconhecer o fenômeno de compreensão do sujeito como um processo elaborado a partir de uma *tradição* que o precede e constitui.

Merleau-Ponty (2011) por sua vez trouxe à tona o conceito de "primazia da percepção", onde se partia do princípio de que o mundo seria dado originariamente ao sujeito pela

percepção, e essa percepção seria necessariamente corporal. Ou seja, aceitar o papel do corpo e sua reflexividade enquanto a própria condição de possibilidade da experiência. Tanto Heidegger quanto Gadamer e Merleau-Ponty poderiam ser aqui compreendidos protagonistas do processo de transição da fenomenologia transcendental para uma que então considerasse a interpretação, a corporeidade, o contexto e a historicidade em uma abordagem que trouxesse em perspectiva a leitura também do espaço, da cultura e do contexto.

Entendida essa etapa, chegamos a Paul Ricoeur (1991) que introduz um novo engenho analítico que busca integrar fenomenologia e hermenêutica tendo como foco a ideia de "identidade narrativa". Para Ricoeur, a consciência do sujeito não é concebida como essência estável, husserliana, mas como construção continuamente produzida pelas narrativas que elabora sobre si e sobre o mundo. Percebe-se aí um ponto de abertura — um "gancho" por assim dizer — para temas como memória e conhecimento. Ao reconhecer que toda interpretação é atravessada por linguagem, símbolos, ideologias e disputas de sentido, Ricoeur produz a "hermenêutica crítica" (Missel; Birkelund, 2020, p. 5), aproximando-a fortemente da fenomenologia de uma dimensão cada vez mais reflexiva.

Quanto a Schutz (2012), seria razoavelmente correto considerar que ele representa uma "virada sociológica" da fenomenologia. Ao transitar do domínio individual para o mundo social cotidiano, Schutz afirma que a consciência individual se constitui a partir do conjunto de experiências compartilhadas em um *Lebenswelt* comum[1].

Outra contribuição importante e referencial é a de Berger e Luckmann (2003) radicalizaram o projeto Schutziano para descrever como a realidade social é objetivada, internalizada e legitimada institucionalmente, convertendo a fenomenologia social em uma teoria do conhecimento por meio da construção social da realidade. Na CI, são a base do "paradigma social" mencionado por Araújo (2003).

Mas como chegamos à fenomenologia crítica? E por quê? Trata-se de uma perspectiva que busca em seu método o deslocamento de leituras outrora assentadas na separação rígida entre sujeito e objeto — sem prescindir totalmente da redução fenomenológica (*epochē*) originariamente proposta por Husserl (2008) —, construindo de maneira mais apropriada a uma

[1] Curioso perceber que outro autor contemporâneo a Schutz, um sociólogo da memória chamado Maurice Halbwachs, também considerou basicamente o mesmo mas *grosso modo* trocando a "consciência" pela "memória". Suas duas obras, "Os quadros sociais da memória" (2023) e "A memória coletiva" (2004) são claras evidências disso.

perspectiva sócio-histórica, situada a partir da qual o subjetivo e o objetivo, o individual e o coletivo, não podem abrir mão do outro para se definirem — onde entende-se a subjetividade, a percepção e a perspectiva de realidade, são somente tangíveis tendo em perspectiva o tempo e o espaço social, ou em outras palavras a fusão de horizontes heideggeriana e o mundo da vida schutziano para enfim elaborarmos outras formas de questionamento e reflexão somente possíveis na compreensão de uma "correlação intencional" husserliana renovada.

Essa passagem não deve ser compreendida como uma sequência linear na qual uma formulação simplesmente substitui a anterior. Da fenomenologia husserliana, preservam-se a intencionalidade, a atenção à experiência e o esforço de suspensão das evidências naturalizadas. Heidegger e Merleau-Ponty, entretanto, deslocam a análise para a existência situada, o ser-no-mundo (*dasein*), a corporeidade e a ambiguidade da percepção. A fenomenologia crítica aprofunda esse deslocamento ao indagar como condições históricas e materiais, sociais, políticas e materiais participam da própria constituição do campo da experiência. Assim como estruturas "quase transcendentais" (Guenther, 2021) como o patriarcado, o racismo, a xenofobia, a misoginia, a supremacia branca ou mesmo a heteronormatividade; e até as tecnologias (lentes, imagens técnicas, sintéticas, algoritmos) enquanto artefatos, materialidades e agentes de dispositivos que engendram dinâmicas construtoras dos fenômenos sociotécnicos e tecnopoliticos contemporâneos.

Ou seja, ao reconhecer os limites da fenomenologia clássica, que tendia a abstrair as determinações históricas, sociais e materiais que atravessavam a experiência e participavam da constituição do próprio campo perceptivo, ao trazermos para a mesma "lâmina" de análise outros agentes e organismos como tais estruturas acima citadas, passamos a considerar seus papéis na conformação dos modos de perceber e conhecer. Isso muda tudo.

Assim como muda considerarmos as tecnologias descritas igualmente acima, não mais como suportes neutros, mas como agentes na produção da experiência e na mediação do mundo. Se debruçar sobre os fenômenos informacionais a partir de tais parâmetros básicos é, portanto, realizar uma fenomenologia crítica no campo da informação.

Ao adotar essa postura, por exemplo, a pesquisa informacional transcende a descrição ingênua dos fluxos de dados para investigar como as estruturas históricas contingentes, como o colonialismo e a alienação, sedimentam-se na percepção do sujeito diante da informação. E o que é, portanto, a fenomenologia crítica, uma vez que ela ainda parece não ter sido diretamente abordada na literatura brasileira da CI? Para Lisa Guenther a fenomenologia crítica:

> vai além da centralidade da experiência em primeira pessoa na fenomenologia clássica, embora não a abandone completamente; (...) tanto para ampliar sua compreensão da situação quanto para aprofundar sua percepção das estruturas quase transcendentais que atuam em sua própria experiência em primeira pessoa. A introspecção individual não é suficiente para identificar as estruturas históricas quase transcendentais que moldam a experiência vivida de cada um. Além da redução transcendental que começa com uma redução à própria experiência, a fenomenologia crítica necessita de um método do que Sartre (...) chama de análise "regressiva". Essa análise pode começar com a experiência em primeira pessoa, mas também se baseia em um arquivo de declarações, eventos e expressões que não são diretamente acessíveis em primeira pessoa, mas apenas por meio da mediação da linguagem, da escrita, das imagens, dos documentos, dos artefatos e assim por diante. Ao estudar esse arquivo, o fenomenólogo crítico não está apenas estudando "o mundo" em oposição à sua "própria" experiência; ele está estudando o mundo no qual existe como Ser-no-mundo (histórico). Em outras palavras, ele está estudando as estruturas sedimentadas de uma situação que habita, mas à qual não pode acessar apenas por meio da memória ou percepção pessoal. É precisamente essa forma de estudo que fenomenólogos como Simone de Beauvoir, Frantz Fanon, Sartre e outros empreendem em suas fenomenologias críticas do patriarcado, do racismo, do colonialismo e do capitalismo. O que torna essas investigações quase transcendentais em vez de empíricas (...) é a elaboração do método fenomenológico não apenas para suspender a atitude natural e descobrir estruturas transcendentais apodíticas, mas também para suspender aspectos específicos da atitude natural — sexismo, racismo, colonialismo, classismo — para seguir os vestígios dessas estruturas contingentes e históricas no mundo, nos hábitos da consciência corporificada e nas muitas correlações entre elas. (Guenther, 2021, p. 11-12. *tradução nossa*).

Para nós, a fenomenologia crítica constitui uma oportunidade reflexiva, de caráter radicalmente político e cultural, para os estudos da informação. Se consolida na Ciência da Informação ao investigar como a experiência vivida pelo sujeito — mediada por ecossistemas informacionais, tecnoimagens e objetos técnicos — é profundamente moldada por estruturas históricas de controle e de opressão. A partir dessa perspectiva, considerando que não há neutralidade nestes mesmos recursos técnicos, entende-se ser possível identificar os vieses que governam as interações informacionais e comunicacionais cotidianas, demonstrando que é no "mundo da vida" (*Lebenswelt*) — categoria inaugurada por Husserl e posteriormente debatida e aprimorada por Martin Heidegger, Jurgen Habermas e Alfred Schutz — que esse arranjo ganha corpo e materialidade.

Se, por um lado, os objetos técnicos e fluxos informacionais são inerentes à nossa forma de agir e "ser-no-mundo", por outro, assistimos a uma colonização tecnoburocrática e algorítmica desse cotidiano, onde a busca por sentido, a percepção e demais experiências tanto de entendimento individual como coletivo são frequentemente substituídos por métricas digitais, visualizações simulácricas e dados que reproduzem assimetrias de poder

hipermercantilizadas que afetam sensibilidades (Lipovetsky; Serroy, 2015) e impulsos (Stiegler, 2006). Dessa forma, o “mundo da vida” deixa de ser um pretenso fundo neutro e passa a funcionar como o território daquelas mesmas condições "quase-transcendentais" onde o tempo e o espaço históricos — onde o sujeito surge e habita — são marcados tanto por fraturas político-institucionais macroestruturais quanto por demais contingências sociais e culturais, como o racismo, a intolerância religiosa e as muitas clivagens de gênero e de classe. Tais marcas também se articulam em simbiose com o *habitus*, os capitais culturais (Bourdieu, 1996; 1998) e demais matrizes simbólicas que os indivíduos herdam e incorporam, configurando esse mesmo pano de fundo invisível que viabiliza ou limita quaisquer ações no mundo.

No cenário contemporâneo, esse território existencial é indissociável das “engenharias” e “arquiteturas” de informação, dos algoritmos e dos fluxos de dados. Esses dispositivos “dão forma”, materializam, tais contingências históricas ao se estruturarem como, ou no interior de um “regime de informação” (González de Gómez, 2012); operando como o tecido político, tecnológico e institucional que estabiliza e legitima os modos de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Trata-se de uma infraestrutura dinâmica, marcada por modulações contínuas, agências e coalizões entre agentes humanos e não-humanos. É por meio dessas redes de agências que as assimetrias do “mundo da vida” são codificadas, ditando regras de visibilidade, critérios de relevância e silenciamentos históricos.

Investigar as práticas de busca, mediação e recepção do conhecimento sob a lente da fenomenologia crítica significa, em última análise, politizar a experiência informacional. Promovendo um diálogo interdisciplinar essencial com a ciência da informação e as teorias críticas, a fenomenologia crítica assume uma vocação transformadora, cujo objetivo vai além de mapear o comportamento informacional: busca desvelar e tensionar as desigualdades no acesso e na produção do conhecimento para propor práticas mais justas e emancipatórias.

É neste panorama que embora reconheça-se que a fenomenologia já possua inserção significativa na Ciência da Informação brasileira, sobretudo em estudos epistemológicos, ontológicos, de usuários da informação e sobre competência em informação, por exemplo, ainda é visível a escassez de abordagens que incorporem de fato a fenomenologia crítica, reconhecendo-a como tal.

Exemplo disso é a obra de Djuli M. De Lucca e Elizete Vieira Vitorino (2020) que *a priori* parecem se aproximar de uma possível fenomenologia crítica. Contudo, apesar de entenderem a possibilidade tanto do emprego da fenomenologia para criticar estruturas de poder, como a

de tê-la como base epistemológica adequada para compreender a construção intersubjetiva da competência em informação — objeto central de sua pesquisa; apesar de abordarem historicidade, conflito, distribuição desigual de poder, e informação como mecanismo de dominação e/ou resistência — ainda que cartografadas como pertencentes à corrente da Competência Crítica em Informação, ou *Critical Information Literacy* —; não desenvolvem tais pautas enquanto elementos que constituem uma metodologia fenomenológica.

Em 2025, uma comunicação feita no XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, na cidade do Rio de Janeiro por Ricardo Pimenta propõe uma fenomenologia crítica da informação construída a partir da articulação entre a pós-fenomenologia de Don Ihde e a "fenomenologia especulativa" de Vilém Flusser (Oliveira, 2018), tendo como fio condutor a relação humano-tecnologia-mundo.

O ponto de partida é a pós-fenomenologia ihdeana — que descreve quatro modos de mediação tecnológica: incorporação, hermenêutica, alteridade e plano-de-fundo (Ihde, 1995). Contudo, Ricardo Pimenta a considera insuficiente para os estudos informacionais por sua recusa em formular juízos críticos de ordem política ou cultural sobre os artefatos que mediam. É nessa insuficiência que Vilém Flusser entra como contraponto produtivo. Ao conceber a tecnologia como "aparelho-programa" (Flusser, 2019) que não apenas medeia, mas codifica percepções e impõe lógicas internas ao sujeito informacional, Flusser introduz as categorias de controle, dominação e perda de autonomia comunicativa que a pós-fenomenologia deliberadamente evita.

A síntese proposta por Ricardo Pimenta resulta no que ele denomina o percurso "eu–isso–tu" (2026), uma atualização crítica da "filosofia do diálogo" de Martin Buber (2009). Para os estudos informacionais, essa articulação implica reconhecer que tecnologias da informação — de câmeras a interfaces digitais, de sistemas de recomendação a plataformas institucionais — não são suportes isentos ou transparentes, mas formadores de sentido que inscrevem programas normativos na experiência do sujeito informacional, demandando análises ético-políticas sobre seus efeitos e abrindo espaço para o que Ricardo Pimenta chama de uma "cultura de visibilidade informacional" (Pimenta, 2019; 2022) como objeto de análise crítica pela Ciência da Informação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórica e exploratória, estruturando-se por meio de uma revisão bibliográfica e análise conceitual da literatura especializada. Essa vertente metodológica se justifica pela própria natureza do objeto de estudo: investigações de caráter epistemológico e fenomenológico não buscam produzir generalizações empíricas, mas sim elaborar interpretações rigorosas e propor deslocamentos analíticos.

Desta forma, o trabalho busca ampliar os horizontes de compreensão no campo da Ciência da Informação, superando a tradicional descrição fenomenológica para alcançar as estruturas dimensões políticas e críticas que auxiliam a compreender melhor os fenômenos que atravessam e informam as relações humano-tecnologia-mundo.

Assim, foram realizados três movimentos sucessivos e complementares. O primeiro tratou da recuperação de autores tradicionalmente mobilizados pela CI em diálogo com a tradição fenomenológica — entre eles Edmund Husserl, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Alfred Schutz e Peter L. Berger e Thomas Luckmann — com o objetivo de identificar como eles se aproximavam do campo informacional a partir de suas contribuições filosóficas, e conceituais na fenomenologia.

O segundo movimento concentrou-se na incorporação de desdobramentos contemporâneos da fenomenologia, especialmente a pós-fenomenologia e a fenomenologia crítica.

Por último, foi realizada uma consulta exploratória em bases indexadoras nacionais e internacionais utilizando o termo “fenomenologia crítica”, com finalidade exclusivamente indicativa. A intenção foi a de observar sua presença em diferentes áreas do conhecimento e observar a presença explícita da expressão ‘fenomenologia crítica’ na produção recuperada e identificar possíveis indícios de sua baixa incorporação terminológica na Ciência da Informação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo sido realizado nesse contexto a proposição de uma fenomenologia crítica da informação, um ano depois, reafirma-se aqui que a experiência informacional não pode ser plenamente compreendida, e analisada de forma mais criteriosa, se não houver em perspectiva que é preciso também — e talvez primeiramente — compreender: (1) como quem a experimenta é formado, isso quer dizer quais os alicerces políticos, culturais, socioeconômicos,

linguísticos, discursivos, técnicos, dão forma ao corpo/sujeito/agente que experimenta; e (2) como o objeto, texto, imagem, informação, que entrega a experiência foi construída e por quem.

Uma fenomenologia crítica não anula o método fenomenológico, mas o reorienta e amplia seu campo de interrogação. Deixando de aceitá-lo ingenuamente ao assumir para si que a percepção do mundo e a maneira como o traduzimos é sempre atravessada ou fundamentada por aquilo que nos constitui material e subjetivamente. Não há, nessa perspectiva, percepção desvinculada de mediações, realidade experimentada de forma isolada ou experiência socialmente neutra.

Tal afirmação é mais do que tempestiva. É urgente para trazermos à tona enquanto toda uma geração de pessoas que consome, produz e atua na circulação da informação parecem viver um ininterrupto e "dopaminérgico" conjunto de experiências informacionais mediadas pelas telas, pelas imagens, pelos recursos digitais e suas respectivas lúdicas plataformas.

A consulta exploratória foi realizada em entre os dias 02 e 05 de junho de 2026 nas bases SciELO, Scopus, DOAJ, Redalyc, Portal de Periódicos CAPES e BRAPCI. Utilizou-se como estratégia de busca a expressão exata "fenomenologia crítica" e, quando pertinente, sua correspondente em inglês, "*critical phenomenology*", em todos os campos (título, resumo, palavras-chave). Foram considerados os documentos que apresentavam a expressão exata, pois representava o conceito específico dessa vertente fenomenológica empregada, em seu *corpus*, sem delimitação temporal. Os registros foram examinados individualmente e classificados segundo a área de conhecimento informada pela própria base ou identificada a partir do escopo do periódico e do conteúdo do documento. A consulta não teve finalidade bibliométrica ou mesmo exaustiva, sendo empregada exclusivamente como recurso exploratório parar a presença explícita dessa denominação na literatura indexada.

Ao buscar pelo termo específico de "Fenomenologia Crítica" em algumas bases indexadoras, o resultado sugere essa escassez, contudo é importante termos no horizonte que os quantitativos adquiridos correspondem ao momento da consulta e podem variar em razão da atualização contínua das bases: SCIELO (3 resultados na área de filosofia, saúde e administração respectivamente), SCOPUS (1 resultado na área de educação); DOAJ (10 resultados, sendo 3 filosofia, 1 ciência da religião. 2 saúde, 1 psicologia, 1 geografia, 2 administração); REDALYC (19 resultados, sendo 6 de psicologia, 4 de administração, 3 na educação, 2 no direito, e 1 nas ciências da religião, comunicação, antropologia e ciências sociais

respectivamente); Portal Capes (18 resultados, sendo 4 em filosofia, 3 em psicologia, 3 em educação, 3 em ciências religiosas, 2 na grande área da saúde, 2 em ciências sociais e 1 em design); e por fim na BRAPCI (com 1 resultado na Ciência da Informação). Esta breve atividade exploratória teve como objetivo apontar apenas a pouca produção científica acerca da fenomenologia crítica. Há uma infinidade de possibilidades de resultado caso se considere os termos separadamente. Ou seja, "fenomenologia" e "crítica". Mas isso não garantiria que estaria se falando de fenomenologia crítica.

Embora os resultados dessa etapa não constituam evidência bibliométrica, tampouco autorizem conclusões mais exaustivas sobre a produção científica, eles ainda oferecem indícios da baixa presença explícita da expressão "fenomenologia crítica" nas bases e nos campos consultados. O que não exime a existência de pesquisas que tenham em suas práticas metodológicas e teóricas o cerne da fenomenologia crítica, mas ao menos indica que pode não haver clareza da disseminação desse conceito na literatura estrangeira. Esses dados devem ser compreendidos como uma aproximação exploratória ao problema, uma vez que trabalhos teoricamente convergentes podem empregar outras denominações ou não registrar o termo no título, no resumo ou nas palavras-chave.

A análise desenvolvida permitiu sustentar que, embora exista uma presença consolidada de autores e conceitos fenomenológicos no campo, sua apropriação permanece majoritariamente orientada à descrição da experiência e aos processos de construção de sentido, sem incorporar de forma sistemática estruturas históricas, materiais, tecnológicas e políticas como elementos constitutivos dessa experiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, que paradoxalmente representa ainda o início de um percurso maior de pesquisa e análise, reafirmo que a fenomenologia crítica pode representar uma ampliação analítica da tradição fenomenológica presente na Ciência da Informação. Seu potencial está em desvelar e posicionar categorias antes alijadas do processo fenomenológico diante de condições contemporâneas marcadas por eventos, conflitos e dinâmicas diversas onde mediações tecnológicas, usos da inteligência artificial, processos de datafication, formas de governamentalidade algorítmica e disputas pela produção do conhecimento são apenas a "ponta do iceberg".

Com efeito, apontamos a fenomenologia crítica como um horizonte teórico-metodológico a se investir para os estudos informacionais, especialmente para pesquisas interessadas em analisar como sujeitos, tecnologias, discursos e estruturas sociotécnicas participam conjuntamente da constituição da experiência informacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ci/a/DZcZXSqTbWHpF6fhRm8b9fP/?lang=pt. Acesso em: 22 jun. 2026.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** 10. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2009

DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu *et al*. **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. Autonomia Literária, 2022.

DUARTE, Evandro Jair; CALDIN, Clarice Fortkamp. Abordagem fenomenológica na ciência da informação: reflexões sobre o método utilizado por Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/229119. Acesso em: 21 jun. 2026.

FLUSSER, Vilém. **Elogio da superficialidade**: o universo das imagens técnicas. São Paulo: É Realizações, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GANDRA, Tatiane Krempser; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Estudos de usuários na perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 13-23, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10861. Acesso em: 21 jun. 2026.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/14376. Acesso em: 11 jul. 2026.

GUENTHER, Lisa. Six senses for critical phenomenology. **Puncta**, [*s. l.*], v. 4, n. 2, p.5-23. 2021. Disponível em: https://puncta.journals.villanova.edu/index.php/puncta/article/view/2813. Acesso em: 21 jun. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004

HALBWACHS, Maurice. **Os quadros sociais da memória.** Curitiba: Antonio Fontoura, 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

IHDE, Don. **Postphenomenology**: essays in the postmodern context. Evanston (EUA): Northwestern University Press, 1995.

IHDE, Don. **Postphenomenology-again?** Lund, Suécia: Centre for STS-Studier, 2003.

IHDE, Don. **Postphenomenology and technoscience:** the Peking university lectures. Albany (EUA): Suny Press, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LUCCA, Djuli Machado de; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e suas raízes teórico-epistemológicas da Ciência da Informação: em foco, a fenomenologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 22–48, jul. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362020000300022&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jun. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, Rachel Cecília de. Ficção como fruto da falta de fundamento: a fenomenologia especulativa de Vilém Flusser. **Viso: cadernos de estética aplicada**, [*s. l.*], n. 23, p. 177-188, 2018. Disponível em: https://revistaviso.com.br/article/297. Acesso em: 22 jun. 2026.

OMS. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): Situation Report - 82** [Internet]. Brasília: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331780/nCoVsitrep11Apr2020-eng.pdf. Acesso 21 jun 2026.

MISSEL, Malene; BIRKELUND, Regner. Ricoeur's narrative philosophy: A source of inspiration in critical hermeneutic health research. **Nursing Philosophy**, [*s. l.*], v. 21, n. 2, p. e12254, 2020. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/nup.12254. Acesso em: 22 jun. 2026.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Considerações sobre uma possível fenomenologia crítica da informação: a dualidade entre Don Ihde e Vilém Flusser para a (in)compreensão da relação humano-tecnologia-mundo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇAO EM

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2025. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/article/view/674. Acesso em: 20 jun. 2026.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Cultura da visibilidade informacional: estética e política da técnica no regime global de informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALDANHA, Gustavo Silva. **ikritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. De Narciso ao mundo-imagem: por uma urgência de uma perspectiva crítica sobre a cena informacional contemporânea. *In*: SALDANHA, Gustavo; CASTRO, Paulo C.; PIMENTA, Ricardo M. (org.). **Ciência da Informação: sociedade, crítica e inovação**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1243/1/saldanha-castro-pimenta.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papirus, 1991.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Helmut T. R. Wagner (org.). Petrópolis: Vozes, 2012

STIEGLER, Bernard. **Mécréance et discrédit**: 2. Les sociétés incontrôlables d'individus désaffectés. Paris: Galilée, 2006.

VAROUFAKIS, Yanis. **Tecnofeudalismo**: O que matou o capitalismo. São Paulo: Editora Planeta, 2025.